

VIDA NA NATUREZA PARA ALUNOS DO *GINÁSIO SANTA CATARINA*: O PIQUENIQUE COMO CULTURA MODERNIZADORA EM FLORIANÓPOLIS (1906 – 1918)¹

Thiago Perez Jorge²
Alexandre Fernandez Vaz³

Resumo

Os jesuítas alemães do Ginásio Santa Catarina, instituição inaugurada em Florianópolis em 1906, como parte das estratégias republicanas de modernização do Estado, trouxeram práticas culturais modernizadoras para seus alunos, para a cidade. Entre elas, o piquenique, que este trabalho procura descrever e analisar. As fontes mobilizadas (1906-1918) foram os relatórios anuais, fotografias de seu acervo e os diários dos padres prefeitos, jornais da época. Propomos a construção interdisciplinar do objeto piquenique a partir da vida na natureza: corpo, comidas, brincadeiras, atividade física, banho de mar. A invenção do *Pic Nic* como atividade de lazer permite, a partir dos elementos da cultura germânica, a apropriação de espaços da natureza ambiental da Ilha de Santa Catarina, promovendo a civilização da cidade a partir da emergência de práticas corporais atravessadas por elementos de jogo e alimentação. Isso se dá em contraste com outras práticas de piquenique da elite local, por sua vez, menos ativa.

Palavras-chave: Obra. Piquenique. Vida na Natureza. Ginásio Santa Catarina. Florianópolis.

1 INTRODUÇÃO

Quinta-feira pela manhã, 15 de março de 1906, ocorre um banho de mar, “mas o primeiro já ocorrera antes, em 10 de março”, e à tarde o passeio, “o primeiro foi em 2 de março, uma sexta-feira” (DIÁRIO..., 1906). No dia seguinte, novamente

¹ Materiais e análises que compõem este texto foram apresentados e publicados em anais de eventos (JORGE, DALLABRIDA, VAZ, 2012; JORGE, 2013a, 2013b). O presente artigo tem em parte seu primeiro impulso em Jorge (2013b). As fontes analisadas neste texto são retomadas em Jorge (2016, prelo) com interesse no diálogo com a Antropologia da Alimentação. Ambos os textos partilham questões sem que, no entanto, o enfoque seja o mesmo.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea na mesma Universidade. E-mail: thipjorge@gmail.com

³ Doutor em Ciências Humanas e Sociais pela Leibniz Universität Hannover, Alemanha. Professor permanente dos programas de Pós-graduação em Educação (mestrado e doutorado) e Interdisciplinar em Ciências Humanas (Doutorado). Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: alexfvaz@uol.com.br

aparece o banho pela manhã, e um escrito se destaca dos demais: **“o lugar não poderia ser melhor”** (DIÁRIO..., 1906, grifo nossos).

Estas notas esparsas no Diário do Padre Prefeito⁴ no primeiro ano de funcionamento do então Ginásio Santa Catarina apontam os primórdios do que serão os convescotes nesta instituição. Atividade que contempla saídas do Colégio envolvendo os alunos com banhos de mar, rio ou lagoa, com correspondentes refeições, que associam diversão e usos da força e de movimentos corporais junto à natureza da Ilha de Santa Catarina, os piqueniques também eram denominados de “passeio grande” nos Diários dos Padres (1906; 1907).

Palavra de origem francesa⁵ também chamada de convescote (português) e *Pic Nic* (inglês), na França do século XVII significava uma prática na qual cada participante levaria sua refeição e, no século XIX tal atividade de alimentação estende-se a lugares como campos e florestas, locais de contato com o que era visto como natureza e vida selvagem, algo muito presente no processo de constituição da modernidade.

A modernidade de Florianópolis também teve seus piqueniques, em parte presentes nos movimentos civilizadores perpetrados pela escolarização. Nesse sentido, o presente trabalho apresenta resultados de uma investigação sobre aspectos da prática do *Pic Nic* do Ginásio Santa Catarina, em Florianópolis, no período de 1906 a 1918, em contraste com uma outra forma de seu desenvolvimento na mesma cidade, esta talvez ainda ligada a um *ethos* aristocrático. A abordagem pretende ser, ainda que com limites, interdisciplinar, movimento “que não esteja pressuposto em qualquer somatória de abordagens disciplinares” (LEIS, 2011, p.110). Vale, portanto, a nosso juízo, o que Theodor W. Adorno (1997) certa vez chamou de “prioridade do objeto”.

O referido Ginásio era então um educandário dirigido por padres alemães, que no decorrer de mais de um século de existência, passou por algumas mudanças de nomes. Da fundação, em 1905, até 1917, *Ginásio Santa Catarina*, de 1918 até

⁴Agradecemos a Norberto Dallabrida pela disponibilidade deste documento histórico. Os Diários dos Padres Prefeitos apresentam cotidiano do ambiente escolar jesuítico. A franqueza e a coragem de trechos destes Diários dos Padres sugerem diferentes maneiras de dizer a verdade.

⁵ Há inclusive o verbo em francês “*pique-niquer*”, a exemplo da expressão “*faire un pique-nique*”, que significa “fazer piquenique” (DICIONÁRIO, 2011, p.707).

1942, *Ginásio Catarinense*, daquele até os dias de hoje acompanha a instituição o seu nome atual, *Colégio Catarinense*⁶.

Para a pesquisa uma ampla empiria foi mobilizada: Jornais de época, Diários dos Padres Prefeitos, Relatórios e Fotografias do Colégio. Sobre os Relatórios do educandário, estes reúnem dados estatísticos dos alunos, matrículas, cidade de origem, religião, idade média por curso, crônica do ano letivo, aviso para matrículas do ano seguinte, narrativa sobre “natureza e fins do Instituto”, melhoramentos e donativos como aquisição de livros para as suas bibliotecas, peças para o museu de “história natural”, “sinopse das matérias de ensino do ano escolar”. Ganha destaque a seção “Crônicas do ano letivo” dos Relatórios do Ginásio. Elas constam desde 1909 e são uma espécie de resumo ora mais detalhado ora mais sucinto das diversas ações que tanto a equipe docente, quanto a discente, realizavam. Aqui encontramos os piqueniques. Também se recorre a fotografias encontradas no acervo fotográfico do Colégio Catarinense. Contudo, face aos limites de espaço, optamos por apresentá-las aqui apenas de modo ilustrativo.

As fontes foram mobilizadas no sentido de evidenciar e analisar o “corpo humano”, esta “expressão simbólica da própria sociedade” (RODRIGUES, 1999, p.165), compondo um movimento de contato entre as naturezas ambientais (meio ambiente entre flora, fauna, rios, mares e lagos), humana (entre afetos, razões e intuição) e social (cidade).

O texto está organizado em duas partes, a saber: 1. O nascimento do educandário com vistas a cumprir sua função na modernização da cidade de Florianópolis, em que se enfatiza práticas corporais e disciplinares de lazer; e 2. O tema da vida na natureza na *obra* piquenique do Ginásio.

Em forma que se pretende genealógica, procura-se problematizar uma construção histórica de um corpo biológico, social e cultural, com sua natureza na história. Trata-se de observar o piquenique como “exterioridade do acidente” que evidencia uma “proveniência [que] diz respeito ao [...] corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos” (FOUCAULT, 2012, p. 65). Dito de outra forma: nascimento de uma instituição com sua prática cultural.

⁶ Os trabalhos de João Pick (1979), Norberto Dallabrida (2001) e Rogério Souza (2005) são referências historiográficas desta instituição. Neste texto utilizamos o nome da instituição em acordo com o recorte empírico selecionado.

2 O NASCIMENTO DE UMA INSTITUIÇÃO COM SUA PRÁTICA DE LAZER

Era “mais ou menos em meados de janeiro de 1906”, quando dois padres receberam por telegrama o chamado para “partir de lá, realmente no meio da noite cheia de neblina, da chácara de São Leopoldo” (DIÁRIO, 1906). Isso consta nas primeiras linhas do diário do Padre Prefeito, em entrada escrita datada de 13 de março de 1906. Início de uma história no momento republicano catarinense, dois dias depois o Ginásio Santa Catarina oficialmente abria suas portas (GINASIO..., 1906, p. 3).

Seu local de nascimento, bairro Praia de Fora, atual Avenida Beira-Mar Norte, é espaço de distinção social, pois conforme aponta Araújo (1989, p. 25), era lá que viviam “os abastados da ilha, que possuíam suas chácaras nos arrebaldes mais aprazíveis” e se distanciavam “daquilo que consideravam a sujeira e os amontoamentos do centro” da cidade.

Norbert Elias (1994a, p.24-25) entende que ser civilizado refere-se a uma conduta, comportamento pessoal descrito como qualidade social das pessoas pelo modo de falar, pela roupa que vestem, pelo jeito que se alimentam, pela casa que habitam, enfim, uma série de elementos que são expressões de “grupos colonizadores”. Ainda segundo Elias, a “cultura” (do alemão de *Kultur*), permitiria a ênfase na “identidade particular de grupos”, de uma nação, ou seja, um tipo de consciência que se projeta na autoapresentação.

O que interessa com essa noção de cultura é a aproximação com o fato de que os padres jesuítas abrem o “novo” colégio secundário em Florianópolis com o seu *background* de atividades de lazer distinto daquelas já em circulação na cidade. Em Florianópolis havia dois modos de piquenique acontecendo, i.e., a inscrição nos corpos de duas formas diferentes dessa prática que relacionam ser humano e meio ambiente (social e natural). Os periódicos da época dizem de um convescote distinto do praticado pelo educandário jesuítico. Estamos em 1909, a 6 de dezembro:

Vem chegando a promissora de dias intoleráveis a estação calorosa. O calor já mal se suporta e por isso nossos Clubs preferem substituir os ruidosos bailes pelos magníficos e salutareis *pic nics*, nos aprazíveis arredores de nossa cidade. Ai por essas praias sempre batidas de uma aragem sempre fresca e amena, em uma abundância de atmosfera bem oxigenada e pura, desertam as dispepsias, são bem digeridos os tradicionais churrascos com que tanto já se identificaram os nossos habitantes do Sul. A música parece ter outros encantos, tudo transpira

viço, alegria e despreocupação. Fogem as nostalgias e ao doce tom dos beijos marinhos, a alma inteira **deixa-se dominar de um gozo indefinido e santo!** Foi o que **gozaram os convivas do Club 12 de Agosto nas horas do último domingo do mês passado.** [...] (GAZETA CATARINENSE, 1909a, capa, grifos nossos).

Se seguirmos Corbin, trata-se da apropriação dos espaços da cidade, entre urbanidade e ruralidade, pela “classe de lazer”. Para Corbin (2001, p. 66), ao analisar a França no fim do século XIX, surge tal “classe”, a rigor, “internacional, para a qual o consumo improdutivo e ostentatório do tempo é uma proeza, uma façanha”. Classe de lazer que aprofunda o antagonismo “entre esterilidade e criação” (CORBIN, 2001, p.66).

Quer dizer, esta mesma “classe” que se apropriou dos jardins para seu *footing*, “elemento capital da vida burguesa” (CORBIN, 2001, p.103), também vai operar outra domesticação da natureza, de modo a assegurar “a tranquilidade do espaço privado” e oferecer “um cenário ideal à vida em família”, “após as tarefas obrigatórias da cidade” (IBID, idem). Trata-se da invenção dos piqueniques “pela classe de lazer”.

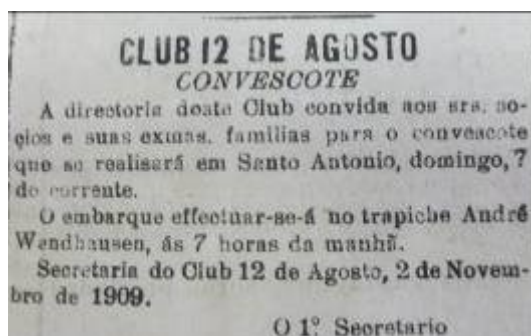


Figura 1: Convite aos sócios do Club 12 para o Convescote a 2 de Novembro de 1909.

Fonte: Jornal Gazeta Catarinense, 1909b.

No interior deste conjunto de elementos o ato de comer, aliado às músicas promovidas pelas bandas que acompanhavam tal burguesia em formação, revela ritmo distinto dos convescotes do Ginásio. Ritmo da “classe de lazer” que simboliza frente à “estação calorosa” uma opção contrária aos “ruidosos bailes” praticados pela mesma elite que se apoderara dos espaços, produzindo-os como privados para uso entre os seus (familiares). Portanto, os “magníficos e salutarens *pic nics*, nos aprazíveis arredores de nossa cidade” emergem como prática de lazer que se torna espécie de antídoto ao veneno do trabalho ordinário da mesma burguesia. Invenção

do que se fazer em domingos calorosos. Convescotes cujos elementos envolvem a celebração de uma ociosidade significando inatividade para com exercícios corporais por parte de uma “classe de lazer” que parece que ainda não se banhava nas águas salgadas, doces ou salobras da Ilha de Santa Catarina.

Diferentemente acontecia nos piqueniques do Ginásio, sobre os quais se deve considerar aspectos da cultura germânica. Os padres jesuítas alemães produzem outras formas de vida que inventam práticas de lazer a partir de atividades corporais, denotando intenso contato com elementos de vida na natureza da Ilha de Santa Catarina. Práticas a partir de uma identidade cultural alemã que no curso do tempo tornar-se-ão conduta civilizadora da cidade, inter-relacionando as diversas formas de expressão da natureza (social, ambiental e humana).

Situado à beira-mar, em uma das mais pitorescas e saudáveis localidades da bela cidade de Florianópolis, compreendendo vastas áreas para jogos higiênicos e banhos no mar, o Gymnasio Santa Catharina pode garantir aos srs. pais de família tudo quanto se necessita para o bem estar físico de seus filhos [...] **Nos intervalos dos estudos haverá recreação, passeios, banhos de mar e exercícios ginásticos** (GINÁSIO...1910, p.54, grifos nossos).

Os relatórios⁷ do Ginásio apresentam a chamada acima, que destaca a “bela cidade de Florianópolis” e “garante” aos pais o necessário para o “bem estar físico de seus filhos” envolvendo nos “intervalos dos estudos [...] recreação, passeios, banhos de mar e exercícios ginásticos”. Encontramos fontes que indicam um tipo de piquenique acontecendo desde 1906, ano da abertura dos portões do educandário jesuítico. Portanto, há uma prática de educação do corpo, entendendo-a como lazer, na/pela cidade de Florianópolis.

Lazer, palavra polissêmica, aqui é evocado como passatempo na perspectiva em que o tratam Elias e Dunning (1992). Eles analisam os processos de autocontrole ligados ao estabelecimento do tipo de formação do Estado e o seu maior poder sobre os indivíduos. São tipos de emoções distintas, a cotidiana e a de passatempo, que devem ser lidas como condição catártica de liberação das emoções, mas tanto quanto presentes no próprio “processo civilizador” por meio do **dever ser** das normas que levam a tipo de adestramento e assim evidenciam um autocontrole das emoções. Atividades de passatempo orientadas e regulamentadas que incidem ao nível dos corpos, e que no decorrer de sua institucionalização

⁷ O mesmo texto consta nos relatórios de 1911, p.59 e de 1912, p.50.

tornam-se padrão de vida, logo, normalizam modos de vida de uma população. As próprias relações de vigilância e regulação são incluídas num processo de vitalidade. Se por um lado provocam excitação agradável, por outro há todo um conjunto de dispositivos de vigilância e controle com vistas a “manter o agradável descontrolado das emoções sob controle” (ELIAS 1992, p. 80). Mesmo que a excitação seja o condimento de todas as satisfações próprias dos divertimentos, ela não se dá sem regulação. Várias são as atividades que podem ser associadas à diversão, mas não carregam apenas o caráter agradável de serem realizadas em si mesmas⁸.

Desta forma, observamos os piqueniques do Ginásio desenvolvidos na Ilha de Santa Catarina como marcas de um projeto da artificialidade de um **meio ambiente**, oportunizado por um *homo faber*, a equipe de pastores que o dirige, de forma que o corpo escolarizado dos ginásianos permite construções “segundo padrões humanos de utilidade ou de beleza” (ARENDDT, 2010, p.189). Visualiza a cidade-mar e contempla todas as características dessa atividade: “lá chegados, foi **servido almoço e em seguida divertiram-se todos em banhos e jogos**” (GINÁSIO..., 1910, p. 11, grifos nossos). O piquenique é processo que fabrica um passatempo com sua diversão.

A leitura do piquenique como “obra” aponta uma tensão: as questões relativas ao lazer tendem a serem lidas na categoria de “trabalho” e não da “fabricação” arendtiana⁹. No entanto, na Ilha de Santa Catarina tal atividade de lazer é conduzida como atividade pedagógica. Portanto, há uma dialética entre usos do corpo na quimera do que hoje chamamos tempo livre, e usos do corpo mediante uma intenção *fabricante*. Qual seria a utilidade desta atividade pedagógica? Tal passatempo, do ponto de vista de quem age, utiliza o piquenique como instrumentação, um fim que justifica “a violência cometida contra a natureza para que se obtenha o material” (ARENDDT, 2010, p.191). Enfim, trata-se da violência

⁸ Conforme explica Elias (1992) atividades que se relacionam ao trabalho privado e administração familiar (cuidados referentes ao lar e aos filhos), o repouso (dormir ou não fazer nada), prover as necessidades fisiológicas (comer, beber, ou novamente, dormir), atividades de sociabilidade (ir a um restaurante com amigos ou colegas do trabalho); o jogo ou atividades miméticas (ir ao teatro ou a um concerto, pescar, jogar futebol, dançar ou ver televisão); enfim, uma diversidade de atividades como estas que podem sair do quadro do lazer caso o “fim em si mesmo” seja deslocado a uma forma de trabalho, mesmo que não remunerado.

⁹ Arendt (2010, p.8) pretende com sua expressão *vita activa* delimitar a condição humana ao “designar três atividades fundamentais: trabalho, obra e ação”. Aqui, usamos apenas da categoria “obra” para ler o piquenique.

sobre uma natureza humana inscrita na história no qual o material almejado é aquele corpo adestrado para o trabalho escolar.

Não poupamos esforços nem sacrifícios para não desmerecer a eximia honra de gymnasio equiparado. Os resultados obtidos foram publicados em sessão solenne no salão nobre perante o corpo docente e discente de dois em dois mezes (GINÁSIO...1918, p.10, grifos nossos).

Um das justificativas para o advento do educandário jesuítico foi que até então o Estado não possuía qualquer instituição de ensino secundária equiparada ao Colégio Dom Pedro II, da então capital da República (PICK, 1979; DALLABRIDA, 2001; SOUSA, 2005). A equiparação significaria tanto a excelência do Ginásio quanto, aos portadores do diploma, o acesso ao ensino superior.

Passada uma década de atividades, o Ginásio foi equiparado ao Colégio carioca. Segundo o Jornal da Cidade tal “equiparação [...] é um ato de justiça ao acreditado estabelecimento de ensino, belamente organizado, não só sob o ponto de vista intelectual, como **material**, [que] vem encher de uma legítima satisfação as famílias catarinenses, que vêm nele uma grande esperança para a educação e cultivo de seus filhos” (JORNAL O DIA, 1918, grifos nossos).

Nesse sentido aprofundamos a materialidade do referido educandário para a **obra piquenique**, fundando novas práticas corporais, disciplinares e de lazer, concorrendo com “esforços” e “sacrifícios” frente aos “resultados” almejados. Por isso o corpo adestrado para o trabalho escolar é a finalidade do conjunto de atividades pedagógicas promovido pelos *fazedores* padres jesuítas.

3 A VIDA NA NATUREZA NA OBRA PIQUENIQUE DO GINÁSIO

Um estabelecimento de ensino erguido em local de elite torna-se dispositivo de poder ao acelerar reformas na cidade, por meio de práticas que produzem experiências e mentalidades novas no tecido urbano. Assim acontece com as atividades de passatempo.

Os mestres educarão os moços que foram confiados à formação da Companhia de Jesus, de forma que eles possam ir aprendendo, juntamente com as letras, também os **costumes próprios do bom cristão**. Portanto, quer durante as lições (se for proporcionada a ocasião), quer fora delas, será sempre intenção do mestre **dispor dos ânimos juvenis para o serviço de Deus e o amor das virtudes que lhe são gratas** (RATIO STUDIORUM...2009, p.171, grifos nossos).

Para Pick (1979, p. 66), o sentido de *mens sana in corpore sano* no educandário seria aquele segundo o qual o jovem, “para manter seus ideais, devia saber dominar o corpo”. Como se domina um corpo? Por meio de ações que se pautam numa tradição cristã, quando o pastor se mantém à frente de seu rebanho com vistas a alimentá-lo, tratá-lo, reuni-lo, enfim, guiá-lo, pois, as estratégias do pastor se exercem “continuamente sobre os indivíduos” (FOUCAULT, 2010, p.363).

Nesse sentido, entendemos que a disciplina compõe o pastorado, um poder que age nos polos, individualizante e totalizante, sujeitando o indivíduo à obediência. Ética e técnica do pastorado em dominar o corpo auxiliam no deslocamento das ideias de Elias, segundo as quais numa sociedade altamente regulada, haveria o aumento das atividades de passatempo como antídoto ao veneno da rotina altamente regulada das normas (civilizatórias) do dever ser. Significa que empreender atividades que dispõem dos ânimos juvenis, próprias do bom cristão, à luz de uma diversidade de práticas de passatempo, seria uma ação pastoral. Portanto, tal pastorado precisa ser recolocado nos termos de uma pedagogia, para alargar uma história do corpo no piquenique e sua relação com a natureza.

Ao longo de doze anos (1906-1918), os relatórios indicam 23 “passeios grandes”, algo como duas vezes ao ano frente à rotina escolar. No entanto, os Diários dos Padres (1906; 1907; 1918) apresentam com mais frequência passeios e saídas, o que deixa como sugestão de que apenas algumas e não todas as atividades deste tipo eram relatadas nas “crônicas” dos Relatórios, promovendo, talvez uma documentação seletiva a erigir uma memória. Qual poderia ser a utilidade do piquenique relatado?

Desenvolver uma nova cultura do corpo que estuda/trabalha na cidade de Florianópolis é o processo. Cultura que serviria ao modelo da sociedade de empregados. Parece que o “*animal laborans* necessita da ajuda do *homo faber* para facilitar seu trabalho e remover sua dor” (ARENDDT, 2010, p.217), condição humana da mundanidade em decorrência da condição humana do trabalho. Vida biológica cujos ciclos de rotina-exaustão-descanso orientam-se no utilitarismo de práticas como as dos piqueniques, também chamadas de “marchas higiênicas”, cuja “**respiração de outro ar mais desabafado que o das aulas**” faz bem “**ao físico dos alunos**” (GINÁSIO..., 1913, p.18-19, grifos nossos).

Talvez valha menos a condição física do local – urbano ou rural – e mais o antídoto do extraordinário frente às rotinas da vida de trabalho cotidiana. Observa-se a natureza como distinta dos convescotes da “classe de lazer”: inoperância no domingo de lazer versus intensa atividade corporal que contribui para a formação do corpo do trabalho escolarizado.

Os convescotes continuamente praticados contribuem para durabilidade dos corpos que trabalham. Na modernidade o “trabalho produtivo”, isto é, a “glorificação do trabalho” anseia por uma durabilidade em seus resultados (ARENDRT, 2005, p.178). Afinal de contas “a maior parte da obra no mundo moderno é realizada sob a forma de trabalho” (ARENDRT, 2010, p.175).

O corpo que se diverte, cansa, come e retorna ao ciclo biológico do trabalho escolar é potencializado por meio do instrumento do piquenique. Este só é “verdadeira obra de fabricação” quando “executada sob a orientação de um modelo segundo o qual se constrói o objeto” (ARENDRT, 2010, p.175). Eis o modelo da “pedagogia da vontade” para conduzir o *animal laborans*:

A pedagogia da vontade, honra o ginásio, pois o coloca em **alto relevo o valor real** do método educativo da instituição: **atender também à formação das forças volitivas**. Aí fica também, por prova cabal da superioridade da educação dada segundo as normas do cristianismo, todo o magistral discurso do esclarecido, animar a mocidade à subjugação da **lei do menor esforço no mundo moral** (GINÁSIO...1912, p.8, grifos nossos).

Entre os anos de 1909 a 1911, as “Crônicas do ano letivo” apresentam que os piqueniques se concentravam entre as regiões central (Morro da Cruz), sul (Armação, Naufragados) e leste (Lagoa da Conceição, Barra da Lagoa) da Ilha de Santa Catarina. Entre os anos de 1912 e 1913 chegam à região norte (Canasvieiras, Santo Antônio e Sambaqui), integrando novos territórios nos “passeios grandes”. “Além do mar”, entre 1914 a 1918, ultrapassam os limites da Ilha: chega-se ao continente, municípios de São José e Biguaçu, especificamente, neste caso, ao Balneário de São Miguel. Acompanham os relatos os mais variados elogios: fauna, flora, alimentos, paisagem (JORGE; DALLABRIDA; VAZ, 2012).

Os “passeios grandes” vão paulatinamente passando por cada região da Ilha de Santa Catarina, produzindo e significando um modo de vida. Fabricação como atividade da obra, com fim determinado: o objeto “pronto para ser adicionado ao

mundo comum das coisas e dos objetos” (ARENDDT, 2005, p.180). O piquenique, obra do “*homo faber*, que consiste em sua reificação” (ARENDDT, 2005, p.184).

A 17 de fevereiro consta no Diário (1918, grifos nossos) que “**no refeitório dão ao jantar dois pratos de carne**” e em 11 de abril do mesmo ano de 1918, na merenda que precedia o piquenique, foi servido “**pão, linguiça e café**”. O convescote que daí seguiu-se foi iniciado com uma “marcha forçada dos [alunos] voluntários em volta do Morro da Cruz”, que “levaram das 9:30 até 12h”, e na volta destes serviu-se no almoço “**pão, linguiça, carne, arroz**” (DIÁRIO..., 1918, grifos nossos).

Uma prática de exercício físico coroada com almoço. O “passeio grande” de 1916, também chamado de “piquenique”, “demonstrava o quanto de energia vive e ferve nos nossos jovens, que como brincando venceram distancia de até 40 km”, já que o “exército disciplinado” na “praia em frente da ilha dos Naufragados [no sul da Ilha]”, houve um “curto descanso” no qual foram servidos “**pão de trigo e de milho com linguiça**”, colação que “desapareceu por encanto” e “**laranjas** de qualidade superior [que] matam-nos a sede”. Na volta do piquenique foi realizado “um churrasco a gaúcha, preparado por mão hábil, [que] nos convida a festejar condignamente tão vitorioso” (GINÁSIO..., 1916, p.17-18, grifos nossos). Comumente, carne, pães, frutas, alimentos eram oferecidos no cotidiano e no ritual com todo cuidado pelos fazedores padres-jesuítas, de modo que “não só o café, mas todo o almoço foi servido quentinho” (GINÁSIO..., 1915, p.16).

Assim, o par pastor-rebanho no ato de caminhar significou, ao seu modo, cada espaço da Ilha de Santa Catarina, tornando suas “algumas das possibilidades fixadas pela ordem construída”, e aumentando “o numero dos possíveis” ao criar atalhos e mesmo proibir que se fosse por caminhos “líticos ou obrigatórios” (CERTEAU, 1994, p.178). Lembre-se: em cerca de dez anos se aventuraram a desbravar todas as regiões da Ilha de Santa Catarina, chegando além-mar. Algo, portanto, parece escapar “às totalizações imaginárias do olhar” (CERTEAU, 1994, p.172), observe-se aqui, dos produtores oficiais de sentidos – jornais e periódicos – que até então circulavam **o outro piquenique: o da “classe de lazer”**.

Nos relatos há diversos indícios de um ritual a elaborar. Em 1909, a praia dos Naufragados era qualificada como de lugar “pitoresco e majestoso” onde os alunos

podiam conhecer “as ricas e encantadoras belezas da costa do nosso Estado, bem como as inúmeras variedades da nossa Flora e Fauna” (GINÁSIO..., 1909, p.11).

No relato no Diário do Padre (1907, grifos nossos) apresentado em 29 de maio, na ocasião da “Santa Missa” houve um grande passeio ao Morro da Cruz, com saída às 8h e chegada às 13h, no qual **corpos** estavam “**mortalmente cansados**”, após uma “**comilança de laranjas**”.

O que há, finalmente, de distinto entre os piqueniques promovidos pela “classe de lazer” de uma elite da cidade e o “derradeiro piquenique” promovido pelos padres do educandário jesuíta? A **vida ativa junto à natureza** perfazendo novas formas de vida na Ilha de Santa Catarina por meio dos convescotes. Por que o contato com a vida na natureza? É que os padres-pastores já traziam em suas memórias hábitos, ideias: germanismo que representava a si mesmo como **povo da floresta**. Mas, o que vem a ser isso?

O historiador romano Cornélio Tácito narra, em sua obra “Germânia; ou, sobre a origem e situação dos germanos”, escrita por volta de 98 D.C, que segundo Schama (1996, p.86) foi quem que permitiu uma “certidão” aos germanos, que a preservaram em “sua condição essencial de filhos da natureza”. O texto, para Schama (1996, p.86) aponta uma “raça de guerreiros extremamente fortes”, um povo que para o antigo historiador Tácito (apud SCHAMA, p.86) seria uma “raça que não aprecia o repouso” (apud SCHAMA, p.86).

Nesse sentido o intenso contato com a vida na natureza por meio do piquenique do Ginásio parece atualizar a preservação de “um mundo de virtude silvestre” (SCHAMA 1996, p. 94). Práticas de piquenique inscrevendo-se como acontecimentos nos corpos (físicos, memórias, sentimentos) potencializados pelas brincadeiras lá realizadas. Na brincadeira que envolve corpos-comidas-exercícios físicos produz-se a experiência no fator lúdico. Prática que diverte e produz hábitos pela repetição.

De acordo com Huizinga¹⁰ (1938/2012, p.33, grifos nossos, itálico no original)

¹⁰ Johan Huizinga (1872-1945), em *Homo Ludens*, destaca-se com uma tese ousada: o jogo seria cultural primordial, forma elementar em todas as principais manifestações do espírito humano. Huizinga sabe que não se pode afirmar simplesmente que **tudo é jogo**, mas, com sua pesquisa busca destacar a presença do espírito lúdico nas formações culturais (competição, artes, poesia, filosofia, conhecimento, linguística).

“o **jogo** é uma atividade ou ocupação **voluntária**, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, **mas absolutamente obrigatórias**, dotado de um **fim em si mesmo**, acompanhado de um **sentimento de tensão e de alegria** e de uma consciência de ser **diferente** da vida *cotidiana*”.

Sumariamente eis as características do **fator lúdico**: 1. **Atividade voluntária**; 2. É um “**faz de conta**”, 3. Tende a ser “**desinteressado**” e tem uma “**finalidade autônoma**”; 4. É “**jogado até o fim**”; 5. **O fator lúdico cria “ordem e é ordem”**; 6. **O jogo produz tensão**; e, quanto mais o elemento competitivo estiver presente “mais apaixonante se torna” o efeito lúdico; 7. O **mistério** do *homo ludens*: a “**capacidade de tornar-se outro**” (1938/2012, p.10-33, grifos nossos).

Dessa forma, a partir do fator lúdico, têm-se condições de mais bem compreender a potência criadora, o brincar como uma prática de liberdade que potencializa que novos hábitos sejam incorporados.

Nesse sentido destacamos a possibilidades de envolver na invenção do piquenique do Ginásio uma nova forma de vida na cidade de Florianópolis, processo que permitiu a produção de mais um elemento da cultura na vida em sociedade.



Figura 2 – Pic-Nic no mar grosso da Lagoa (27.09.1920)

Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense



Figura 3: Caminhar, Comer e Beber no Piquenique [191?]

Fonte: Acervo Fotográfico Do Colégio Catarinense

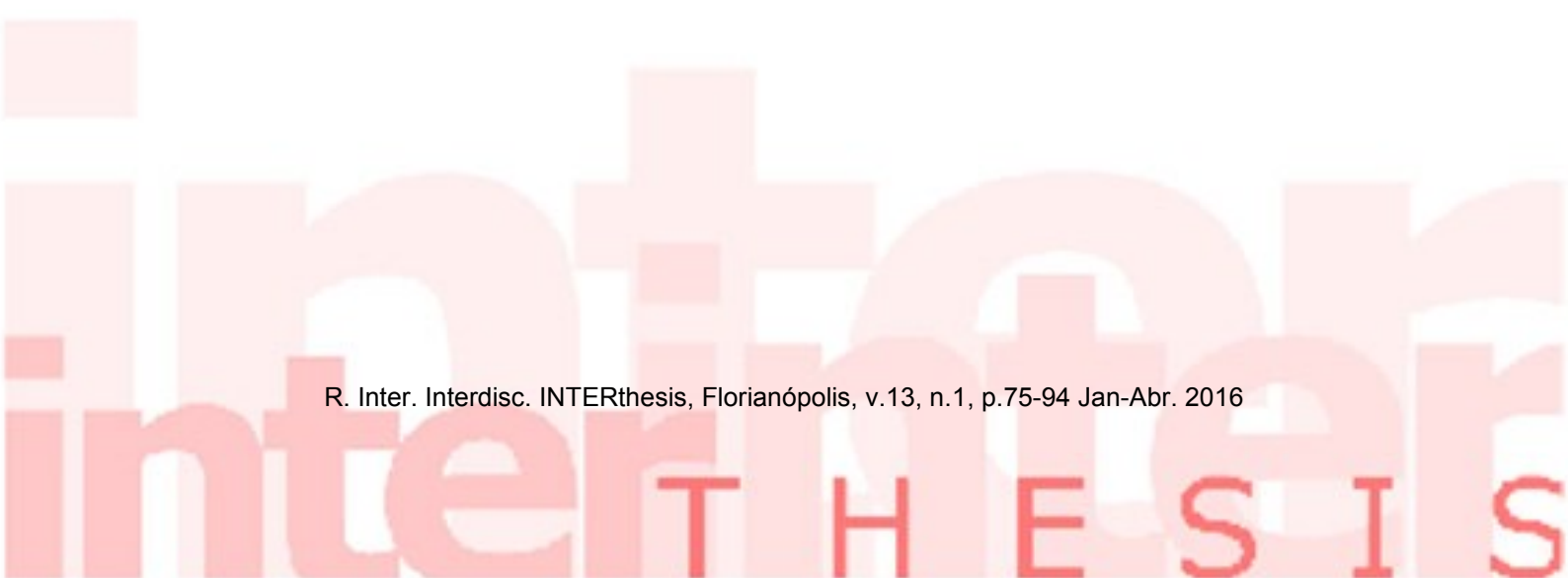
Portanto, por meio do fator lúdico (que faz de conta, é momentaneamente livre, tem certo fim em si mesmo, cria ordem e é ordem, é jogado até o fim, produz tensão e competição, e tem o mistério de tornar-se outro) a representação de um “germanismo nativo” das “caminhadas pelo bosque” (SCHAMA, 1996, p.111), a partir dos elementos disponíveis da Ilha de Santa Catarina, produziu uma forma de vida ativa junto à natureza. Virtudes silvestres e de força culminando nas condições para cuidar de si entre jovens da elite pelos fazedores: os padres-pastores do Ginásio Santa Catarina.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eis que o processo da **obra** está no corpo dos alunos que, em intenso contato com a vida na natureza, alimenta-se, descansa, e que, numa relação de durabilidade, tornar-se-ia útil àquela sociedade preenchendo os espaços “da fabricação escolar das elites” (DALLABRIDA, 2001) na Primeira República em Santa Catarina. **Obra** das mãos destes pastores-professores-alemães, a partir de suas representações e práticas do homem da floresta, que permitiram circunscrevê-los, nos termos propostos pela própria Arendt, juntamente com o artesão e o cientista, como grupo fazedor do artifício humano. Reificação de um corpo escolarizado como “construção do mundo”, modelagem de um “objeto de uso que exista com durabilidade própria e exija, para sua permanência, somente o cuidado normal da preservação”, já que, “para que o solo cultivado permaneça cultivado ele precisa ser trabalhado continuamente” (ARENDR, 2010, p.172). Eis que experiências corporais

vão constituindo-se como **obra por meio do fator lúdico das técnicas de condução do rebanho pelo pastorado.**

Portanto, antes de ser o piquenique um divertimento da sociedade de massas, como hoje ele é vivenciado, cujos produtos da diversão são consumidos como quaisquer outros bens de consumo, há a fabricação, no mundo cultural de relações no meio ambiente entre corpos, atividades físicas e comidas que visam promover durabilidade e estabilidade ao mundo, por meio de uma educação dos corpos, no contexto, como sugerido por Arendt, da vitória da sociedade de empregados.



LIFE IN NATURE TO *GINÁSIO SANTA CATARINA'S STUDENTS*: PICNICKING AS A MODERNIZING CULTURE IN FLORIANÓPOLIS (1906-1918)

Abstract:

The German Jesuit Gymnasium of Santa Catarina, inaugurated in Florianópolis in 1906 as part of a Republican strategy on state's modernization, brought cultural practices towards the modernization of the city and the education of its students. Among those practices is picnicking, the main resource of analysis for this paper. The sources (1906-1918) mobilized for this paper were annual reports, photo collections, priests' journals and contemporary newspapers. We propose an interdisciplinary construction of picnicking from a life in nature perspective: body, food, games, physical activity and sea bathing. The invention of Picnicking as a leisure activity allows, from the Germanic culture, by the appropriation of Santa Catarina island's environmental nature, the promotion of the city civilization from the emergency of bodily activities intertwined by playful elements and food. Such practices happened in contrast with the less active local elites, which also had picnicking as a practice.

Keywords: Work. Picnic. Picnicking. Life in Nature. Santa Catarina School. Florianópolis.

VIDA EN LA NATURALEZA PARA LOS ALUMNOS DEL *GIMNÁSIO SANTA CATARINA*: PICNIC COMO CULTURA MODERNIZADORA EN FLORIANÓPOLIS (1906-1918)

Resumen:

Los jesuitas alemanes del Gimnasio Santa Catarina, escuela inaugurada en Florianópolis en 1906, como parte las estrategias republicanas de modernización de la provincia, han traído prácticas culturales modernizantes para sus alumnos, para la ciudad. Entre ellas, el picnic, que este trabajo procura describir y analizar. Las fuentes para la investigación (1906-1918) fueran informes anuales, fotografías y diarios personales de los padres superiores, además de diarios. Proponemos la construcción interdisciplinaria del objeto picnic tomando en cuenta la vida en la naturaleza: cuerpo, comida, juegos, actividades físicas y baños en el mar. La invención del picnic como actividad de tiempo libre permite, desde la cultura germánica, la apropiación de espacios de naturaleza ambiental en la Isla de Santa Catarina, promocionando la civilización de la ciudad desde la emergencia de actividades corporales cruzadas por elementos de juego y alimentación. Esto contrasta con otras prácticas de picnic de la élite local, por su vez, menos activa.

Palavras clave: Obra. Piquenique. Vida en la Natureza. Ginásio Santa Catarina. Florianópolis.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Negative Dialektik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997. (Gesammelte Schriften, vol. 6).

ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral – reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. 1989. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 1989.

ARENDT, Hanna. Trabalho, obra, ação. Tradução Adriano Correia. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*. São Paulo, v.7, n.2, p.175-201, 2005.

ARENDT, Hanna. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. 11ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Trad. Ephraim Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORBIN, Alain. *História dos Tempos Livres*. Tradução Telma Costa. Portugal: Teorema, 2001.

DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites. O Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DIÁRIO DO PADRE PREFEITO GERAL DO GINÁSIO SANTA CATARINA. Tradução de Vera Molenda. Florianópolis, [1906].

DIÁRIO DO PADRE PREFEITO GERAL DO GINÁSIO SANTA CATARINA. Tradução de Vera Molenda. Florianópolis, [1907].

DIÁRIO DO PADRE PREFEITO GERAL DO GINÁSIO SANTA CATARINA. Florianópolis: [s.n.], 1918.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (org). *A busca da excitação*. Trad. Maria Manuela e Silva. Lisboa, Portugal: 1992.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. V.1 uma história dos costumes. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. V2 Formação do Estado e Civilização. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.

ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. 3ª Ed. tradução de Maria Luísa Ferreira. Lisboa, Portugal: 2008.

FIGURA 1. Convite aos sócios do Club 12 para o Convescote a 2 de Novembro de 1909. CLUB 12 de AGOSTO. Jornal Gazeta Catarinense, 5, Nov, 1909b, p4.

FIGURA 2. Pic-Nic no mar grosso da Lagoa (27.09.1920). Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense.

FIGURA 3. Caminhar, Comer e Beber no Piquenique [191?]. Acervo Fotográfico Do Colégio Catarinense.

FOUCAULT, Michel. *Omnes es Singulatim: uma Crítica da Razão Política*. _____ . *Estratégia, poder-saber*. Ditos e Escritos IV. Trad. Vera Lúcia Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.355-385.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. _____ . *Microfísica do Poder*. Trad Roberto Machado. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012, p.55-86.

GINASIO SANTA CATARINA. *Relatório*. Florianópolis: [s.n.], 1906-1918

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens. O jogo como elemento da cultura*. Trad. João Monteiro. 7ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

JORNAL GAZETA CATARINENSE. *A Semana*. Florianópolis. 6 dez. 1909a, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORGE, T. P.; DALLABRIDA, N.; VAZ, A. F. Vida na Natureza no Ginásio Santa Catarina (1906-1918): o Pic-Nic na Busca da Excitação. In: *2º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações*, 2012, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Labimha/UFSC, 2012, p. 2123-2143. CD-ROM.

JORGE, Thiago Perez. Águas salgadas: uma genealogia do piquenique do Ginásio Santa Catarina em Florianópolis (1906-1918) In: *VIII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania*, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UDESC/FAED/Grupo de Pesquisa Sociedade, Memória e Educação, 2013a.

JORGE, Thiago Perez. Zona Fronteiriça entre Corpo e Comida: o Piquenique no Colégio Catarinense In: *Simpósio Internacional sobre Interdisciplinaridade no Ensino, na Pesquisa e na Extensão - Região Sul*, 2013b, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: SIIPE – SUL/UFSC, 2013. Artigos. ISBN 978-85-61115-04-3

JORGE, Thiago Perez. Comer, nadar, caminhar e brincar: O Piquenique do Ginásio Santa Catarina (1906-1918). **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, 2016 (no prelo).

JORNAL O DIA. Florianópolis, 27 fev. 1918, p.1. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

LEIS, Héctor Ricardo. Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas. PHILIPPI JR, Arlindo; SILVA NETO, Antonio. *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação*. Barueri, SP: Manole, 2011, p. 106- 122.

PICK, Reinaldo João. *O Colégio Catarinense, um marco na história da educação em Santa Catarina*. 1979, 109p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1979.

PIQUE-NIQUER. *Palavra-chave*: dicionário semibílingue para brasileiros: francês. Trad. Andréa da Silva. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

RATIO STUDIORUM DA COMPANHIA DE JESUS. MIRANDA, Margarida. *Código pedagógico dos jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus*. Braga, Coimbra, Évora, Florianópolis, Lisboa: Esfera do caos, 2009, p.52-266.

RODRIGUES, José Carlos. Os corpos na antropologia. In: MINAYO e COIMBRA (org). *Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

SOUZA, Rogério Luiz de. *Uma história inacabada – cem anos do Colégio Catarinense*. São Leopoldo, Ed. Unisinos, 2005.

SCHAMA, Simon. Der Holzweg: A trilha na floresta. _____. *Paisagem e memória*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.85 – 143.

Artigo

Recebido em 30 de Agosto de 2015

Aceito em 04 de Março de 2016

